



A utilização irregular das margens do Paranoá é um dos motivos do seu assoreamento

JORNAL DE BRASÍLIA 17 AGO 2003

Meio bilhão de reais para recuperar o lago

O valor consta de estudo encomendado pela Caesb

MÁRCIA DELGADO

Estudo feito pela empresa de engenharia Concremat, encomendado pela Caesb, mostra que são necessários US\$ 164 milhões (quase R\$ 500 milhões) para recuperar a Bacia do Lago Paranoá. O valor, três vezes maior do que o montante gasto para a construção da Ponte JK, seria suficiente para remover todo o material que está assoreando o lago e recuperar as áreas degradadas. Desde a sua criação, há 44 anos, o Paranoá já diminuiu seu espelho d'água em 2,3 quilômetros quadrados, o mesmo que 213 campos de futebol oficiais.

O valor total, os problemas e as soluções para recuperar o lago estão incluídos no estudo, que servirá de base para a elaboração do Plano Diretor de Gestão e Preservação do Paranoá. Segundo Fernando Leite, presidente da Caesb, não se cogita a recuperação total da bacia, porque essa obra é muito cara, inviável economicamente. "O valor total é impraticável. Não existe

recursos para isso", assegura. O plano do governo, diz ele, é recuperar os pontos mais críticos, que são a foz dos rios Riacho Fundo, Cabeça do Veado e Bananal.

O presidente da Caesb revela que a prioridade é a recuperação do Ribeirão do Riacho Fundo, que fica no braço sul do Lago Paranoá. "Pretendemos licitar a obra ainda este ano, tão logo o relatório da Concremat fique pronto", assegura Fernando Leite. Serão necessários R\$ 10 milhões para recuperar este ponto, dinheiro que está sendo negociado com o Banco Mundial.

A Concremat mostra que em determinados pontos, como o ribeirão Riacho Fundo, a profundidade é de apenas um metro, o que revela a redução do espelho d'água. A empresa, que está elaborando o relatório desde novembro do ano passado e pretende entregá-lo à Caesb nos próximos dias, levanta não só a problemática do Lago Paranoá como as soluções.

Segundo os técnicos, de nada adianta recuperar a par-

te assoreada se não for feito um outro trabalho paralelo, que inclui o controle dos assentamentos e a restauração da faixa de vegetação destruída pela ação do homem.

Fernando Starling, coordenador do Grupo Especial de Apoio à Gestão do Paranoá, mostra que o principal problema do Lago Paranoá é o assoreamento. "A contaminação por bactérias, fósforo e nitrogênio está sendo controlada por meio de monitoramento e fiscalização permanentes", observa.

Os especialistas dizem que a redução do volume do lago é natural, porque os rios transportam material sólido, soterrando as águas do Paranoá. Mas o fato de a Bacia do Paranoá ser urbanizada acelera este aterramento, que reduziu a área de 40 quilômetros quadrados para 38 quilômetros.

Uma das principais agressões do homem ao lago ocorre por meio de ligações clandestinas de esgoto. "Existem equipes de fiscalização que percorrem toda a bacia diariamente", garante Starling.